

Lança o teu pão sobre as águas (sobre o *Qohélet / Ecclesiastes*)

com Maria Filomena Molder

Jorge Molder. Fotografia da série
The Secret Agent, 1991



3 de março

Questões de filologia

17 de março

Redução do princípio do terceiro excluído

24 de março

Contra a idolatria do cérebro,
a atenção ao ventre

31 de março

Teologia mínima: o conceito de limite

Lança o teu pão sobre as águas é o primeiro versículo do capítulo 11 de *Qohélet* e introduz-nos imediatamente na atmosfera enigmática e não sentencial deste livro do *Antigo Testamento*. A tradução em português é minha, feita a partir da tradução italiana do “poema do Velho”, assim o qualifica Guido Ceronetti, que desde 1955 o leu e tentou traduzir. A sua primeira tradução publicada data de 1970, seguiram-se as de 1984, 1987, 1991. Em 2001 publica a última versão, embora não definitiva, como se irá perceber e porquê.

Qohélet não é o nome de ninguém. Na *Vulgata* passou a *Ecclesiastes*, aquele que reúne, congrega, chama à reunião. Que tem ele para nos dizer? Coisas amargas, que

despertam a repulsa, coisas inesperadas e surpreendentes, coisas que se contradizem e não podem deixar de se contradizer. Nenhuma delas nos deixa indiferentes. Trata-se de um conjunto de axiomas e não de provérbios. Não foi escrito para ser comentado por filósofos ou teólogos, mas para ser decifrado. Os axiomas ficam abandonados a eles mesmos, não fazem parte de uma cadeia dedutiva. Ter chegado a eles é sabedoria, e isso implica ter visto “estas coisas” repetidamente. Por isso as repetições não são problemas de estilo.

Qohélet não consola, dele não se pode tirar uma moral repousante que atribua sentido à vida, o que não deve ser confundido com Deus, porque Deus é uma evidência, o sentido da vida não. Como não sei hebreu, e os meus conhecimentos de grego são rudimentares, só posso comparar as traduções de Ceronetti com as de outras línguas europeias, em particular, inglês, francês, alemão. Ele próprio fornece essa possibilidade.

Por consequência, tenho em vista não só comunicar aquilo que vi nas palavras traduzidas de *Qohélet*, nas quais sopra o vento famélico, como promover a iniciação ao singular pensamento de Guido Ceronetti.
Maria Filomena Molder

**Contra a idolatria do cérebro,
a atenção ao ventre**

Do ventre procedem todos os coágulos que interrompem o refrão ensurdecedor de *havel haválim ‘amar qohélet havel havalim hokol hávél* (I, 2.) com o cortejo das suas variações, vaidade, fumo, vapor, vazio, névoa-nada. São eles: o louvor do prazer e o amor pela luz, e fazem parte daquela ciência dos bens particulares de que fala Guido Ceronetti, apenas possível no momento em que se reconhece que tudo é fome de vento,

incoerência tão certa, mais um influxo para a redução do princípio do terceiro excluído: “Por causa de uma desilusão metafísica, é absurdo tomar veneno. Aliás, porque não existe uma verdadeira desilusão metafísica: o mistério continua”. Aqui, ainda mais do que anteriormente, será ele o nosso guia.

Ao lado do primeiro mal, o destino único de todo o vivo, surpreende-se na boca, na insaciável boca (IV, 7), submetida à voragem de “mais olhos do que barriga”, o segundo mal: condenação de fome e de palavras. Eis o intelecto abstrato, a razão abandonada a si própria, súcubo dos seus sonhos, desastres inúmeros. Aqui reentram questões de filologia, trabalhos daquela que lê, ciência por determinar.

Com efeito, apesar de algumas traduções/interpretações nessa direção, *Qohélet* não é um predicador, ele não quer corrigir a vida, ele aceita a vida, ele sabe que o vivo se agarra à vida, o mesmo sopro exalado por todos (pensamento libertador, segundo Ceronetti), sabe “que cão vivo é melhor que leão morto” (IX, 4.), que o homem vivo deseja uma vida longa, gosta de comer e beber, sabe que os amantes se amam, únicas benesses! A elas, junta-se a doçura da luz (cf. XI, 7). É assim que a sabedoria da névoa-nada se prende à “plenitude da trivialidade”.

Maria Filomena Molder é professora catedrática aposentada, FCSH, UNL. Últimas publicações: *Símbolo, Analogia e Afinidade*, Vendaval, 2009. *O Químico e o Alquimista*. Benjamin, *Leitor de Baudelaire*, Relógio d’Água, 2011 – Prémio Pen-Club 2012 para Ensaio. *As Nuvens e o Vaso Sagrado*, Relógio d’Água, 2014.

Nota: Correção ao resumo da 2.ª conferência: o verso do *Agamémnon* procede da 2.ª estrofe, final do Párodo do coro.

CONFERÊNCIAS TERÇAS-FEIRAS DE 3 A 31 DE MARÇO · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO